

A CIDADE DAS SOMBRAS

DAS

SOMBRAS



JEANNE DUPRAU

EDICIONAL PENSAMENTO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ESCAPAR É A ÚNICA OPÇÃO.

A CIDADE DAS SOMBRAS

(CITY OF EMBER)

Jeanne Duprau

idc

PARIS FILMES



Jeanne DuPrau

A Cidade das

Sombras

Tradução de Ana Saldanha

@Snow666_

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *The City of Ember* Autora: *Jeanne DuPrau*

Edição portuguesa publicada por acordo com Na-nay Gallt Literary Agency

Tradução: *Ana Saldanha*

Capa: *Ana Espadinha*

Ilustração: *Francisco Oliveira Bastos* Composição, impressão e acabamento: *Multitipo* —

Artes Gráficas, Lda.

1ª edição, Lisboa, Junho, 2007

Depósito legal n.º 259 241/07

AS INSTRUÇÕES

Quando a cidade de Ember acabou de ser construída e ainda não era habitada, o mestre-de-obras e o assistente, ambos cansados, sentaram-se para falar do futuro.

— Não devem sair da cidade pelo menos durante duzentos anos — disse o mestre-de-obras. —

Ou talvez duzentos e vinte.

— Será tempo suficiente? — perguntou o seu assistente.

— Deve ser. Não é possível saber com certeza. — E quando chegar o momento — disse o assistente —, como é que as pessoas saberão o que fazer? — Forneceremos instruções, é claro — respondeu o mestre-de-obras.

— Mas quem guardará as instruções? Em quem podemos confiar para mantê-las

seguras e em segredo durante todo esse tempo?

— O presidente da cidade guardará as instru-

ções — disse o mestre-de-obras. — Vamos pô-las numa caixa com um fecho de abertura controlada por um relógio, regulado para se abrir na data certa.

— E diremos ao presidente o que está na caixa? — perguntou o assistente.

— Não, apenas que se trata de uma informa-

ção de que eles não necessitarão e que não devem ver até a caixa se abrir por si própria.

— Então, o primeiro presidente passará a caixa ao seguinte e esse ao seu sucessor e assim por diante ao longo dos anos, e todos eles manterão segredo, durante todo esse tempo?

— O que mais podemos fazer? — perguntou o mestre-de-obras. — Não há certezas neste em-preendimento. Talvez nessa altura já não exista ninguém na cidade, nem qualquer lugar seguro para regressar.

Assim, a caixa foi entregue à primeira presidente de Ember com a recomendação de que a guardasse com muito cuidado e ela jurou solene-mente não revelar o segredo. Quando envelheceu e chegou o momento de deixar o seu cargo, explicou o caso da caixa ao seu sucessor, que também guardou o segredo cuidadosamente, assim como o presidente seguinte. Tudo correu como planejado durante muitos anos. Mas o sétimo presidente de Ember era menos honrado do que os seus antecessores e encontrava-se numa situação desesperada. Estava doente — tinha a doença da tosse, que era comum então na cidade — e pensou que talvez a caixa con-tivesse o segredo que lhe salvaria a vida. Tirou-a do seu esconderijo na cave da Câmara de Reuniões e levou-a para casa, onde se atirou a ela com um martelo. Mas já lhe faltavam as forças. Só conseguiu amassar um pouco a tampa. E, antes de voltar a pôr a caixa no seu esconderijo secreto ou falar dela ao seu sucessor, morreu. A caixa acabou num armário, enfiada por trás de alguns velhos sacos e trouxas de roupa. Ali ficou, sem que ninguém reparasse ne-la, ano após ano, até chegar o seu momento e a fechadura se abrir silenciosamente.

CAPÍTULO 1

DIA DA ATRIBUIÇÃO DE SERVIÇO

a cidade de Ember, o céu estava sempre escuro. A única luz provinha de grandes focos montados nos edifícios e no topo dos postes no meio das praças maiores. Quando as luzes estavam acesas, projetavam um clarão amarelado sobre as ruas; as pessoas que passavam debaixo delas lançavam nos passeios sombras compridas, que se encurtavam e alongavam de novo. Quando as luzes estavam apagadas, entre as nove da noite e as seis da manhã, a cidade ficava tão escura que era como se as pessoas andassem com vendas nos olhos.

Por vezes, ficava escuro no meio do dia. A cidade de Ember era velha e tudo o que existia nela, incluindo as linhas de eletricidade, estava precisando de conserto. Por isso, de vez em quando as luzes tremeluziam e se apagavam. Para os habitantes de Ember, esses momentos eram terríveis. Ao pararem no meio da rua ou ficarem imóveis como estátuas nas suas casas, com medo de se moverem nas trevas absolutas, recordavam de algo que preferiam não pensar: que, um dia, as luzes da cidade poderiam se apagar e nunca mais voltar a acender.

Mas na maior parte do tempo a vida prosseguia como sempre. As pessoas crescidas trabalhavam e os mais novos, até atingirem a idade de doze anos, iam à escola. No último dia do seu último ano, que se chamava Dia da Atribuição de Serviço, eram-lhes atribuídos trabalhos.

Os alunos finalistas ocupavam a Sala Oito da Escola de Ember. No Dia da Atribuição de Serviço, no ano 241, esta sala, normalmente bastante ruidosa logo de manhã, estava mergulhada em silêncio. Os vinte e quatro alunos estavam todos sentados muito direitos e quietos nas carteiras, que já eram pequenas demais para eles. Esperavam.

As carteiras estavam dispostas em quatro filas de seis, umas atrás das outras. Na última fila estava sentada uma menina magra que se chamava Lina Mayfleet. Enrolava uma madeixa do seu cabelo escuro e comprido em volta do dedo, enrolava e desenrolava, uma e outra vez. Por vezes arrancava um fio da sua capa esfarrapada ou abaixava-se para puxar as meias, que tinham perdido o elástico e teimavam em escorregar para os tornozelos. Batia com um dos pés no chão, discretamente.

Na segunda fila encontrava-se um menino chamado Doon Harrow. Estava sentado com as costas curvadas, os olhos bem fechados, se concentrando, e as mãos juntas com força. Seu cabelo parecia desganhado, como se já não o penteasse há uns tempos. Tinha sobrancelhas escuras e grossas, que normalmente lhe davam um ar sério, e, quando ele estava ansioso ou zangado, se uniam, formando um traço contínuo por cima dos olhos. O seu casaco de bombazina castanha era tão velho que mal se via o cancelado.

Tanto a menina como o menino estavam formulando desejos urgentes. O desejo do Doon era muito específico. Repetia-o uma e outra vez, mexendo os lábios ligeiramente, como se, dizendo-o mil vezes, pudesse torná-lo realidade. Lina não estava formulando seu desejo em palavras, mas em imagens. Via-se correndo pelas ruas da cidade com um casaco vermelho. Tentava tornar esta imagem tão viva e real quanto possível.

Lina ergueu os olhos e olhou à sua volta.

Despediu-se silenciosamente de tudo o que lhe era familiar há tanto tempo. Adeus à planta da cidade de Ember na sua moldura de madeira cheia de marcas e ao armário em cujas prateleiras estavam *O Livro dos Números*, *O Livro das Letras* e *O Livro da Cidade de Ember*. Adeus às gavetas do armário etiquetadas

«Papel Novo» e «Papel Velho». Adeus aos três candeeiros no teto, que, onde quer que uma pessoa estivesse sentada, pareciam sempre lançar a sombra da cabeça sobre o papel em que se estava escrevendo. E adeus à professora, a Srta. Thorn, que tinha terminado o seu discurso do Último Dia na Escola, desejando-lhes sorte na vida que estavam prestes a iniciar. Agora, como já não tinha mais o que dizer, estava de pé junto à sua mesa, com o xale esfiapado em volta dos ombros. E o presidente, o convidado de honra, não tinha chegado ainda.

Alguém arrastou o pé no chão para trás e pa-ra a frente. A Srta. Thorn suspirou. Depois, a porta se abriu com um rangido e o presidente entrou na sala. Parecia aborrecido, como se os alunos é que tivessem chegado tarde.

— Bem-vindo, Senhor Presidente Cole —

disse a Srta. Thorn. Estendeu-lhe a mão.

O presidente sorriu.

— Srta. Thorn — disse, envolvendo a mão dela nas suas. — Saudações. Mais um ano.

O presidente era um homem enorme e muito pesado, e tinha uma barriga tão grande que os bra-

ços pareciam uns apêndices pequenos balançando ao lado do corpo. Numa das mãos trazia um saquinho de pano.

Avançou com passos pesados para a parte da frente da sala e olhou para os alunos. O seu rosto cinzento e balofo parecia ser revestido por algo mais rígido do

que pele normal; raramente mostrava animação, além de um sorriso, que trazia agora afi-velado. — Jovens da Classe mais Avançada — co-meçou o presidente. Interrompeu-se e esquadrinhou a sala durante algum tempo; o seu olhar parecia vir de um ponto muito lá atrás, dentro da sua cabeça. Acenou lentamente com a cabeça. — Hoje é o Dia da Atribuição de Serviço, não é? É. Primeiro, acabamos os estudos. Em seguida, servimos a nossa cidade — mais uma vez passou um olhar pelas filas de alunos e mais uma vez acenou com a cabeça, como se alguém tivesse confirmado o que ele acabara de dizer. Pôs o saquinho em cima da mesa da Srta. Thorn e pousou a mão em cima. — E

que serviço será, heim? Talvez cada um esteja fazendo essa pergunta a si mesmo — sorriu mais uma vez e as suas grandes bochechas dobraram-se como cortinados.

As mãos de Lina estavam frias. Aconchegou a capa aos ombros e meteu as mãos entre os joelhos. Por favor apresse-se, Senhor Presidente, pediu mentalmente. Por favor, deixe-nos escolher e acabar com isto de uma vez.

Doon estava pensando a mesma coisa, mas não pedia por favor.

— Algo a não se esquecer — disse o presidente, erguendo um dedo. — O emprego que lhes será atribuído hoje será por três anos. Em seguida virá a Avaliação. Desempenham bem o trabalho?

Ótimo. Podem continuar a fazê-lo. Desempenham-no insatisfatoriamente? Há uma necessidade maior noutra local? Serão deslocados. É *extremamente importante* — disse ele, apontando para os alunos —

que todo... o trabalho... de Ember... seja realizado.

Seja realizado *em condições*.

Pegou o saquinho e desatou os cordões.

— Muito bem. Vamos começar então. Um processo simples. Vem um de cada vez. Coloca a mão no saco. Tira um papel. Lê-o em voz alta —

sorriu e acenou com a cabeça. O seu queixo duplo avançou e recuou — Quer ser o primeiro?

Ninguém se mexeu. Lina fitou o tampo da sua carteira. Houve um longo silêncio. Depois, Lizzie Bisco, uma das melhores amigas de Lina, pôs-se de pé. — Eu gostaria de ser a primeira — disse na sua voz ofegante e aguda.

— Muito bem. Avance.

Lizzie foi para junto do presidente. Devido ao seu cabelo ruivo, parecia uma faisca brilhante ao lado dele.

— Agora escolha — disse o presidente, estendendo a mão com o saco aberto e pondo a outra mão atrás das costas, como se quisesse mostrar que não interferiria no processo.

Lizzie colocou a mão no saco e tirou um quadradinho de papel muito bem dobrado. Desdobrou-o cuidadosamente. Lina não conseguia ver a expressão do rosto de Lizzie, mas ouviu o tom de-cepcionado da sua voz quando ela leu em voz alta:

— Funcionária do Depósito de Abastecimento. — Muito bem — disse o presidente. — Um emprego de importância vital.

Lizzie voltou desconsolada para o seu lugar.

Lina sorriu-lhe, mas ela respondeu com uma careta de azedume. Funcionária do Depósito de Abastecimento não podia ser considerado um mau emprego, mas era bastante monótono. A funcionária do Depósito de Abastecimento ficava sentada num balcão comprido, recebia encomendas dos lojistas de Ember e mandava buscar tudo o que era necessário na vasta rede de armazéns por baixo das ruas de Ember. Nos armazéns havia produtos de todos os tipos — comida enlatada, peças de vestuário, cobertores, lâmpadas, medicamentos, tachos e panelas, resmas de papel, sabão, mais lâmpadas —, tudo aquilo de que os habitantes de Ember pudessem necessitar. Os funcionários ficavam sentados com os seus livros-razão à frente deles todo o dia, registrando as encomendas que chegavam e os produtos que saíam. Lizzie não gostava de ficar parada; um outro trabalho seria mais adequado para ela, pensou Lina — mensageira, talvez, o emprego que Lina pretendia. Os mensageiros corriam pela cidade todo o dia, iam a todos os lados, viam tudo.

— O seguinte — disse o presidente.

Desta vez, levantaram-se duas pessoas ao mesmo tempo, Orly Gordon e Chet Noam. Orly sentou-se logo outra vez e Chet aproximou-se do presidente.

— Escolha, jovem — disse o presidente.

Chet escolheu. Desdobrou o seu papel.

— Ajudante de electricista — leu, e o seu rosto abriu-se num sorriso. Lina ouviu alguém inspirar rapidamente. Quando olhou para Doon, viu-o cobrindo a boca com a mão.

Nunca se sabia que trabalhos estariam vagos em cada ano. Em alguns anos havia vários trabalhos bons, como ajudante das estufas, assistente de guardião do tempo ou mensageiro, e nenhum trabalho ruim. Noutros anos encontravam-se uma mistura de empregos tais como trabalhador do Sistema de Canalizações, separador de lixos e raspador de bolor. Mas havia sempre pelo menos uma ou duas vagas de assistente de electricista. Resolver problemas de electricidade era o trabalho mais importante em Ember e um número maior de pessoas trabalhava nesse setor do que em qualquer outro.

Orly Gordon foi a seguinte. Ficou com o trabalho de assistente de reparações de construções, que era um bom emprego para ela. Ela era uma menina forte e gostava de trabalhos pesados. Vindie Chance ia ser ajudante de estufas. Ao voltar ao seu lugar, deu um sorriso rasgado à Lina. Vai trabalhar com a Clary, pensou Lina. Que sorte! Até então, ninguém recebera um trabalho ruim mesmo. Talvez este ano não houvesse nenhum trabalho ruim.

Esta idéia animou-a. Além disso, tinha chegado a um ponto em que a expectativa estava lhe dando dor de estômago. Por isso, quando Vindie se sentou — ainda antes do presidente dizer: « O seguinte! » —, Lina levantou-se e avançou.

O saquinho era de um tecido verde desbotado, com um cordão preto para fechá-lo. Lina hesitou por uns instantes e depois meteu a mão dentro do saco e roçou os dedos pelos papelinhos. Sentindo-se como se estivesse para pular de um prédio alto, pegou num papel.

Desdobrou-o. As palavras estavam escritas em tinta preta, em maiúsculas pequenas e cuidadas.

TRABALHADORA DO SISTEMA DE CANA-

LIZAÇÕES, era o que dizia. Ela fitou aquelas palavras. — Em voz alta, por favor — disse o presidente. — Trabalhadora do sistema de canalizações

— disse Lina num murmúrio sufocado.

— Mais alto — disse o presidente.

— Trabalhadora do sistema de canalizações

— disse Lina mais uma vez, em voz alta e embarga-da. Na sala ouviram-se suspiros de pena. Com os olhos pregados no chão, Lina voltou para o seu lugar e sentou-se.

Os trabalhadores do sistema de canalizações trabalhavam por baixo dos armazéns, no labirinto subterrâneo de túneis onde se situavam os canos de água e dos esgotos de Ember. Passavam o dia consertando vazamentos e substituindo juntas de canos. Os trabalhadores se molhavam e passavam frio; podia até ser perigoso. Um rio subterrâneo com uma corrente forte passava pelo Sistema de Canalizações e, de vez em quando, alguém caía nele e desaparecia. Ocasionalmente, as pessoas também se perdiam nos túneis, quando se afastavam demais.

Desolada, Lina fitou a letra B que alguém tinha gravado no tampo da sua carteira há muito tempo. Qualquer outra coisa teria sido preferível a trabalhadora no Sistema de Canalizações. Ajudante das estufas era a sua segunda escolha. Pôs-se a imaginar com desânimo o ar quente e o cheiro de terra das estufas, onde poderia ter trabalhado com Clary, a gerente das estufas, alguém que ela conhecia desde sempre. Também teria lhe agradado ser assistente médica, colocando ataduras em ferimentos e ossos quebrados. Até mesmo varredora de ruas ou puxadora de carroças teriam sido melhor. Pelo menos assim poderia ficar na superfície, com espaço e pessoas à sua volta. Pensou que trabalhar no Sistema de Canalizações devia ser como estar enterrada viva. Um a um, os outros alunos foram escolhendo os seus empregos. Nenhum ficou com um emprego tão horrível quanto o de Lina. Por fim, a última pessoa levantou-se de seu lugar e dirigiu-se para a frente da sala.

Era Doon. Tinha as sobrancelhas escuras franzidas, numa expressão de grande concentração.

As mãos estavam fechadas em punho ao lado do corpo, viu Lina.

Doon meteu a mão no saco e tirou o último papelinho. Fez uma pausa, agarrando-o com força.

— Vamos lá — disse o presidente. — Leia.

Desdobrando o papel, Doon leu:

— Mensageiro — e franziu a testa, amarfa-nhou o papel e atirou-o no chão.

Lina respirou fundo; toda a turma se mexeu no lugar, com a surpresa. Porque é que alguém ficaria zangado por ter tirado o emprego de mensageiro? — Mau

comportamento! — berrou o presidente. Com os olhos esbugalhados e uma expressão ameaçadora disse: — Vá para o teu lugar imediatamente. Doon deu um pontapé no papel amarrotado, atirando-o para um canto. Em seguida foi em dois passos para a sua carteira e atirou-se no assento.

O presidente inspirou e piscou os olhos, furioso. — Uma vergonha — disse, olhando com se-veridade para Doon. — Uma exibição infantil de mau-humor! Os estudantes deveriam ficar *contentes* por trabalharem para a sua cidade. Ember prospera-rá se todos os cidadãos... fizerem... o seu... melhor

— enquanto falava, de dedo em riste, percorria lentamente com os olhos os rostos dos alunos.

Subitamente, Doon falou.

— Mas Ember não está prosperando! — gritou. — Tudo está cada vez pior!

— Silêncio! — berrou o presidente.

— Os cortes de energia! — gritou Doon. Saltou do seu lugar. — Agora, a luz anda sempre falhando! E a falta de produtos, há falta de tudo! Se alguém não fizer alguma coisa, vai acontecer algo terrível! Lina escutava-o com o coração batendo com força. O que estava acontecendo com Doon? Porque é que ele parecia tão incomodado? Estava levando as coisas a sério demais, como sempre.

A Srta. Thorn dirigiu-se ao lugar de Doon e pôs-lhe a mão no ombro.

— Agora sente-se — disse em voz baixa.

Mas Doon ficou de pé.

O presidente parecia furioso. Durante uns momentos não disse nada. Depois sorriu, mostran-do uma fila muito reta de dentes cinzentos.

— Srta. Thorn — disse. — E quem afinal é este jovem?

— Sou Doon Harrow — disse Doon.

— Não o esquecerei — disse o presidente.

Olhou longamente para Doon e depois voltou-se para a turma e sorriu mais uma vez.

— Parabéns a todos — disse. — Bem-vindos à força de trabalho de Ember. Srta.

Thorn.

Turma. Obrigado.

O presidente cumprimentou a Srta. Thorn e foi embora. Os alunos pegaram seus casacos e bo-nês e saíram da sala em fila. Lina percorreu o Átrio Largo com Lizzie, que disse:

— Pobre de você! Eu pensei que tinha ficado com um trabalho ruim, mas o seu é o pior. Sinto-me cheia de sorte, comparada contigo.

À porta da escola, Lizzie despediu-se e foi embora correndo, como se a má sorte de Lina fosse uma doença que ela pudesse pegar.

Lina deixou-se ficar na escada durante uns momentos, olhando para a Praça Harken, onde as pessoas passavam apressadas, entrouxadas nos seus casacos e xales, ou falavam umas com as outras nos círculos de luz junto aos enormes lampiões. Um rapaz com um casaco vermelho de mensageiro corria em direção à Câmara de Reuniões. Na Rua Otterwil, um homem puxava uma carroça cheia de sacos de batatas. E nos edifícios em toda a volta da praça, filas de janelas iluminadas brilhavam com um brilho amarelo e dourado.

Lina suspirou. Era *aqui* que ela queria estar, aqui em cima, onde tudo acontecia, não debaixo do solo. Alguém bateu em seu ombro. Sobressaltada, voltou-se e viu Doon atrás de si. O seu rosto magro parecia pálido.

— Troca comigo? — pediu ele.

— Trocar?

— Sim, trocar de emprego. Não quero perder o meu tempo sendo mensageiro. Quero ajudar a salvar a cidade, não andar em corridinhas transmitindo fofocas.

Lina estava boquiaberta.

— Prefere trabalhar no *Sistema de Canaliza-*

ções? — O que eu queria era ser ajudante de eletricista — disse Doon. — Mas o Chet não troca, claro. O trabalho no Sistema de Canalizações é o segundo melhor.

— Mas por quê?

— Porque o gerador está no Sistema de Canalizações — disse Doon.

Lina sabia do gerador, evidentemente. De uma forma misteriosa, transformava a corrente do rio em energia para a cidade. Ouvia-se o seu ressoar surdo quando se estava na Praça Plummer.

— Preciso ver o gerador — disse Doon. —

Tenho.. tenho algumas idéias quanto ao assunto —

enfiou as mãos nos bolsos. — Então — disse —, troca comigo?

— Sim! — gritou Lina. — Ser mensageira é tudo que eu mais quero!

E não era de modo algum um trabalho inútil, na sua opinião. Não se podia esperar que as pessoas atravessassem meia cidade cada vez que queriam se comunicar com alguém. Os mensageiros estabeleciam ligações entre as pessoas. De qualquer forma, quer fosse importante ou não, o trabalho de mensageira era, por acaso, o ideal para Lina. Ela adorava correr. Podia correr para sempre. E adorava explorar todos os cantos e esquinas da cidade, que era o que um mensageiro fazia.

— Então está bem — disse Doon.

Entregou-lhe seu papel amarrotado, que devia ter ido apanhar no canto da sala. Lina meteu a mão no bolso, tirou o seu papel e entregou-o.

— Obrigado — disse ele.

— De nada — disse Lina.

Foi invadida por uma onda de felicidade, e a felicidade dava-lhe sempre vontade de correr. Desceu os degraus de três em três e correu pela Rua Broad em direção a sua casa.

CAPÍTULO 2

UMA MENSAGEM

PARA O PRESIDENTE

uitas vezes, Lina ia da escola para casa por M caminhos diferentes. Por vezes, só para vari-ar, dava a volta na Praça Sparkswallow ou ia até mais acima, passando pelas lojas de conserto de cal-

çados na Rua Liverie. Mas hoje tomou o caminho mais curto, porque estava ansiosa para chegar em casa e contar as suas novidades.

Corria depressa e sem problemas pelas ruas de Ember. Todas as esquinas, todos os becos, todos os edifícios lhe eram familiares. Sabia sempre onde se encontrava, embora a maior parte das ruas tivesse mais ou menos a mesma aparência. Todas eram ladeadas por velhos prédios de pedra de dois andares, cujas janelas e portas não eram pintadas há muito tempo. No térreo havia lojas; por cima das lojas encontravam-se os apartamentos onde viviam as pessoas. Todos os prédios, no local de junção da parede e do telhado, estavam equipados com uma fila de focos — grandes candeeiros em forma de cone que lançavam um forte clarão amarelo.

Paredes de pedra, janelas iluminadas, formas entroxadas de pessoas agasalhadas — Lina passava por elas voando. Sentia uma imensa força nas suas pernas delgadas, como se fossem a madeira de um arco, flexível e elástica. Dardejava por entre os obs-táculos — peças de mobiliário quebradas, deixadas na rua em montes para os lixeiros, fogões e frigorí-

ficos que já não tinham conserto, vendedores am-bulantes sentados no passeio com a mercadoria es-palhada à sua volta. Saltava por cima de brechas e buracos.

Quando chegou à Rua Hafter, abrandou o passo. Esta rua estava envolvida em sombra. Quatro dos lampiões estavam avariados e não tinham sido consertados ainda. Por um instante, Lina pensou no boato que tinha ouvido sobre as lâmpadas: constava que alguns tipos de lâmpadas estavam completamente esgotados. Ela estava acostumada que houvesse falta de coisas — todo mundo estava

—, mas não de lâmpadas! Se as lâmpadas para a iluminação pública se esgotassem, as únicas luzes seriam as dos interiores dos prédios. O que aconteceria então? No escuro, como as pessoas poderiam se orientar nas ruas?

Em algum lugar dentro de si sentiu um sombrio receio. Pensou no desabafo de Doon nas aulas.

Será que as coisas estavam realmente assim tão ruins como ele dissera? Lina não

queria acreditar. Afastou esse pensamento.

Ao virar para a Rua Budloe acelerou de novo o passo. Passou por uma fila de clientes à espera para entrarem no mercado de verduras, com suas sacolas de compras penduradas nos braços. Na esquina da Rua Oliver evitou um grupo de lavadeiras que caminhavam a custo com sacos de roupa lavada e alguns carregadores levando uma mesa quebrada.

Passou por um varredor de ruas, que estava deslo-cando poeira de um lado para o outro com a sua vassoura.

Tenho tanta sorte, pensou, fiquei com o trabalho que queria. E, ainda por cima, graças a Doon Harrow.

Quando eram menores, Lina e Doon eram amigos. Juntos, exploravam os becos escuros e os limites pouco iluminados da cidade. Mas quando estavam no quarto ano tinham começado a se afastar um do outro. Tudo começou num dia durante um intervalo das aulas, quando os alunos da turma estavam brincando nas escadas da frente da escola.

— Eu consigo descer três degraus de uma vez — gabava-se alguém.

— Eu consigo pular num pé só! — dizia outro aluno. Os outros se juntavam ao coro:

— Eu consigo fazer o pino contra a coluna!

— Eu consigo saltar por cima do caixote de lixo! Logo que uma das crianças fazia uma coisa, todas as outras a imitavam, para provar que também eram capazes de fazê-la.

Lina conseguia fazer tudo, mesmo quando os desafios se tornavam mais insensatos. Um dia, ela disse aos gritos o mais insensato de todos:

— Eu consigo subir no poste de luz!

Por um segundo, todos ficaram pasmos olhando para ela. Mas Lina atravessou a rua correndo, tirou os sapatos e as meias e enrolou-se em volta do metal frio do poste. Fincando os pés descal-

ços, foi subindo aos poucos. Não chegou muito alto, porque largou o poste e caiu de costas. As outras crianças riram e ela também.

— Eu não disse que subia até o alto — explicou ela. — Só disse que subia o poste.

Os outros avançaram para tentar cometer a mesma proeza. Lizzie não queria tirar as meias —

tinha os pés muito frios, disse ela — e por isso es-corregava. Fordy Penn não tinha força suficiente para conseguir tirar os dois pés do chão. A seguir foi a vez de Doon. Descalçou os sapatos e as meias e arrumou-os muito direitinhos na base do poste.

Depois anunciou, com os seus modos sérios:

— Vou chegar até lá em cima — e, agarrando-se ao poste, começou a subir, usando os pés pa-ra se impulsionar e com os joelhos voltados para fora. Içou o corpo, deu mais uma guinada com os pés — já tinha ultrapassado o ponto que Lina tinha conseguido atingir — mas, de repente, as mãos es-corregaram pelo poste e ele caiu na vertical. Aterris-sou de traseiro, ficando com as pernas no ar. Lina riu. Não devia; talvez ele tivesse se machucado. Mas era um espetáculo tão engraçado que ela não conseguiu resistir.

Doon não tinha se machucado. Podia ter se levantado e, com uma careta, se afastado. Mas levava tudo a sério. Quando ouviu as risadas de Lina e dos outros, ficou com o rosto ensombrado. A irritação borbulhava nele como água fervente.

— Não se atreva a rir de mim — disse à Li-na. — Eu fiz melhor do que você! De qualquer maneira, foi uma idéia estúpida, uma idéia estúpida mesmo, subir o poste... — acrescentou.

E, enquanto ele estava aos berros, todo corado, a professora, a Sra. Polster, saiu para as escadas e viu-o. Agarrou Doon pelo colarinho e levou-o ao gabinete do diretor da escola, onde ele ouviu uma reprimenda que, na sua opinião, não merecia.

Depois desse dia, Lina e Doon quase nem olhavam um para o outro quando se cruzavam no átrio. Ao princípio era porque estavam furiosos ainda devido ao que tinha acontecido. Doon não gostava que rissem dele; Lina não gostava que ber-rassem com ela. Ao fim de algum tempo, a recorda-

ção do incidente do poste elétrico desvaneceu-se, mas, nessa altura, já estavam habituados a não serem amigos. Quando chegaram aos doze anos, não passavam de colegas de turma. Lina era amiga de Vindie Chance, Orly Gordon e, acima de tudo, da ruiva Lizzie Bisco, que conseguia correr quase tão rapidamente quanto Lina e falava três vezes mais depressa.

Agora, enquanto ia para casa a toda velocidade, Lina sentiu uma imensa gratidão

para com Doon e formulou o desejo de que não lhe acontecesse nada de mal no Sistema de Canalizações. Talvez os dois voltassem a ser amigos. Ela gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre o Sistema de Canalizações. Sentia uma certa curiosidade.

Quando chegou à Rua Grey stone, passou por Clary Laine, que ia provavelmente a caminho das estufas. Clary acenou-lhe e perguntou:

— Que emprego? — e Lina respondeu:

— Mensageira! — e continuou a correr.

Lina morava na Praça Quilium, por cima da loja de linhas da sua avó. Quando chegou à loja, entrou de rompante e gritou:

— Vovó! Sou mensageira!

A loja da vovó fora em tempos um local muito bem arrumado, onde cada novelo e cada car-retel de linhas tinham o seu lugar nos cubículos que forravam as paredes. Todas as lãs e linhas eram de roupas velhas, surradas demais para continuarem a ser usadas. A vovó desfazia camisolas e descosia as costuras de vestidos, casacos e calças; dobava as lãs em novelos e enrolava as linhas em carretéis e as pessoas compravam os novelos e os carretéis de linha para costurarem roupas novas.

Mas agora a loja estava numa enorme confusão. Dos cubículos pendiam fios soltos e por dobar e os castanhos, cinzentos e púrpuras estavam misturados com os ocres, os verdes-olivas e os azuis-escuros. Muitas vezes, os clientes da vovó tinham que passar meia hora desembaraçando a lã da cor de ferrugem da lã cor de lama ou tentando encontrar o fio de uma meada toda embaraçada. A vovó não ajudava muito. Na maior parte dos dias cochi-lava por trás do balcão na sua cadeira de balanço.

Era onde estava quando Lina entrou de rompante com as suas novidades. Lina viu que a vovó tinha se esquecido de prender o cabelo nessa manhã — estava todo espetado em volta da cabeça, num emaranhado branco e crespo.

A vovó levantou-se com um ar sobressaltado. — Você não é mensageira, querida, é estudante — disse.

— Mas, vovó, hoje era o Dia da Atribuição de Serviço. Era o dia de saber o meu emprego. E

sou mensageira!

Os olhos da vovó iluminaram-se e ela assen-tou uma palmada no balcão.

— Me lembrei! — gritou. — Mensageira, que emprego bacana! Vai ser uma ótima mensageira.

A irmãzinha de Lina saiu com passos incertos da parte de trás do balcão. O seu rosto era redondo e os olhos castanhos também eram redondos. No topo da cabeça tinha uma madeixa de cabelo castanho atada com um pedaço de fio vermelho. Agarrou-se aos joelhos de Lina.

— Uí-na, Uí-na! — disse.

Lina inclinou-se e pegou nas mãos da irmã.

— Poppy! A sua irmã arranjou um bom emprego! Está contente, Poppy? Está toda orgulhosa?

Poppy disse algo que soava como « Tenteten-tetente! ». Lina riu, pegou a irmã e pôs-se a dançar com ela pela loja.

O amor que Lina sentia pela sua irmãzinha era como uma dor no peito. A criança e a vovó eram toda a família que lhe restava. Há dois anos, numa altura em que a doença da tosse alastrava pela cidade mais uma vez, seu pai tinha morrido. Alguns meses depois a mãe, ao dar à luz a Poppy, morrera também. Lina sentia a falta dos seus pais com uma dor que era tão aguda como o que sentia por Poppy, mas diferente, porque era uma sensação de vazio. — Quando começa? — perguntou a vovó.

— Amanhã — disse Lina. — Apresento-me na estação de mensageiros às oito horas.

— Vai ser uma mensageira famosa — disse a vovó. — Veloz e famosa.

Levando Poppy consigo, Lina saiu da loja e subiu as escadas para o apartamento. Era um apartamento pequeno, somente com quatro aposentos, mas havia tantas coisas nele que poderiam encher vinte. Coisas que tinham pertencido aos pais de Li-na, aos avós dela e até mesmo aos avós dos pais —

coisas velhas, quebradas, lascadas, esfiapadas, que tinham sido remendadas e concertadas dezenas ou centenas de vezes. Os habitantes de Ember raramente jogavam alguma coisa fora. Usavam ao má-

ximo tudo o que possuíam.

No apartamento de Lina, havia camadas de tapetes e carpetes no fio cobrindo o chão, tornando-o macio, mas incerto. Encostado a uma parede encontrava-se um sofá baixo e mole com pés de madeira em forma de bolas e em cima do sofá havia cobertores e almofadões, tantos que era preciso atirar alguns no chão para uma pessoa poder se sentar.

Na parede em frente havia duas mesas desengonçadas, sobre as quais se encontrava uma miscelânea de pratos e garrafas, xícaras e tigelas, garfos e colheres desemparelhados, montinhos de papel usado, peda-

ços de fio de embrulho em novelos emaranhados e alguns lápis já muito pequenos. Havia quatro candeeiros, dois altos, no chão, e dois pequenos, em cima das mesas. E perto do teto, em fileiras incertas, casacos, xales, blusas e camisolas estavam pendurados em ganchos, e havia prateleiras com tachos e painéis, frascos com etiquetas ilegíveis e caixas de botões e alfinetes.

Onde não havia prateleiras, as paredes tinham sido decoradas com coisas bonitas — uma etiqueta de uma lata de pêssegos, algumas flores amarelas secas, uma tira de tecido de cor púrpura, já desbotado, mas ainda bonito. Havia também desenhos. Lina tinha-os feito a partir da sua imaginação.

Eram imagens de uma cidade parecida com Ember, mas os seus edifícios eram mais elegantes e altos e tinham mais janelas.

Um dos desenhos tinha caído no chão. Lina pegou-o e voltou a espetá-lo na parede. Deixou-se ficar por uns instantes olhando para as imagens.

Tinha desenhado sempre a mesma cidade. Por vezes desenhava-a vista de longe, outras vezes es-colhia um dos seus edifícios e desenhava-o em pormenores. Punha escadarias e lâmpadas e carro-

ças. Às vezes tentava desenhar as pessoas que viviam na cidade, embora não fosse lá muito boa para desenhar pessoas — as cabeças saíam sempre pequenas demais e as mãos pareciam aranhas. Um dos desenhos retratava uma cena em que os habitantes da cidade saudavam Lina à sua chegada — ela era a primeira pessoa de fora da cidade que viam. Discutiam uns com os outros para decidir quem seria o primeiro a convidá-la para a sua casa.

Lina imaginava esta cidade com tal clareza que quase acreditava que ela era real. Mas sabia que não podia ser. *O Livro da Cidade de Ember*, que todas as crianças estudavam na escola, ensinava outra coisa: « A cidade de Ember foi

construída para nós há muito tempo pelos construtores», dizia o livro. « É a única luz no mundo escuro. Para além de Ember, a escuridão se alastra para sempre em todas as dire-

ções.» Lina já tinha ido até à fronteira de Ember.

Nas imediações da lixeira fitara as trevas para além da cidade — as Regiões Desconhecidas. Nunca ninguém penetrara nas Regiões Desconhecidas —

ou, pelo menos, ninguém tinha ido longe e regressara. E também jamais nenhuma pessoa das Regiões Desconhecidas chegara a Ember. Tanto quanto se sabia, a escuridão estendia-se a perder de vista.

Mesmo assim, Lina queria que a outra cidade existisse. Na sua imaginação, ela era tão bela! E parecia tão real! Por vezes ansiava por ir para lá e levar consigo todas as pessoas de Ember.

Mas agora não estava pensando na outra cidade. Hoje sentia-se feliz por estar exatamente onde estava. Sentou Poppy no sofá.

— Espere aqui — disse.

Foi para a cozinha, onde havia um fogão elé-

trico e um frigorífico que já não funcionava e onde guardavam copos e pratos, para mantê-los fora do alcance de Poppy. Por cima do frigorífico havia prateleiras com mais panelas e frascos, mais colheres e facas, um relógio de corda que a vovó sempre se esquecia de dar corda e uma longa fila de latas. Lina tentava manter as latas arrumadas por ordem alfabética, de forma a poder encontrar rapidamente o que queria, mas a vovó andava sempre a desarrumá-

las. Agora, viu Lina, havia feijões no fim da fila e tomates no início. Pegou uma lata que dizia BEBIDA DE BEBE e um frasco de cenouras cozidas, abriu-os, verteu a bebida numa xícara e pôs as cenouras num pratinho e levou a xícara e o prato até o sofá onde Poppy ainda estava sentada.

Poppy deixou escorrer a bebida de bebê pelo queixo. Comeu algumas das cenouras e enfiou outras entre as almofadas do sofá. Naquele momento, Lina sentia-se quase perfeitamente feliz. Não havia necessidade de pensar no destino da cidade agora.

Amanhã seria uma mensageira! Limpou a mancha alaranjada do queixo de Poppy.

— Não se preocupe — disse. — Está tudo bem. A sede dos mensageiros ficava na Rua Cloving, perto dos fundos da Câmara de Reuniões.

Quando Lina chegou na manhã seguinte foi recebida pela Capitã Mensageira Allis Fleery, uma mulher ossuda com olhos claros e cabelo da cor de poeira.

— A nossa nova colaboradora — disse a Capitã Fleery aos outros mensageiros, um grupo de nove pessoas, que sorriram e acenaram com a cabe-

ça à Lina. — Tenho o seu casaco bem aqui — disse a capitã.

Entregou à Lina um casaco vermelho como o que todos os mensageiros usavam. Era só um bocadinho grande.

Da torre do relógio da Câmara de Reuniões veio uma badalada profunda e reverberante.

— Oito horas! — gritou a Capitã Fleery. Acenou com o seu braço comprido — Cada um ao seu posto!

Enquanto o relógio batia as outras sete badaladas, os mensageiros dispersaram em todas as dire-

ções. A capitã voltou-se para Lina.

— O seu posto — disse — é a Praça Garn.

Com um aceno de cabeça, Lina preparava-se para partir quando a capitã a agarrou pelo colarinho. — Ainda não te disse quais são as regras —

disse ela. Ergueu um dedo torto. — Primeira: quando um cliente te der uma mensagem, repita-a para confirmar que está correta. Segunda: use sempre o casaco vermelho para as pessoas te identifica-rem. Terceira: corra tão depressa quanto possível.

Os teus clientes pagam vinte cêntimos por cada mensagem, independentemente da distância.

Lina acenou com a cabeça.

— Eu sempre corro depressa — disse.

— Quarta — prosseguiu a capitã. — Entregue a mensagem somente à pessoa a que se destina, a mais ninguém.

Lina voltou a acenar com a cabeça. Saltava de um pé para o outro, ansiosa por começar a trabalhar. A Capitã Fleery sorriu.

— Vá — disse, e Lina meteu pé na estrada.

Sentia-se forte, veloz e segura. Olhou de relance para o seu reflexo na vitrine de uma loja de repara-

ção de mobiliário. Gostava do aspecto do seu cabelo escuro e comprido esvoaçando atrás de si, das suas pernas compridas com meias pretas e do seu casaco vermelho. O seu rosto, que nunca parecera especialmente digno de nota, tinha uma espécie de beleza, por ela estar com um ar tão feliz.

Mal entrou na Praça Garn, uma voz gritou:

— Mensageiro!

O seu primeiro cliente! Era o velho Natty Prine, a chamá-la do banco onde sempre se sentava.

— Esta mensagem é para Ravenet Parsons, Praça Selverton, número dezoito — disse ele. —

Ora, abaixe-se aqui.

Ela abaixou-se e aproximou o ouvido dos bi-godes dele. O velho disse numa voz lenta e rouca:

— Tenho o fogão avariado, não venha jantar. Ora, repita.

Lina repetiu a mensagem.

— Muito bem — disse Natty Prine.

Deu vinte cêntimos à Lina e ela atravessou a cidade correndo até a Praça Selverton. Aí encontrou Ravenet Parsons, que também estava sentado num banco de jardim. Transmitiu-lhe a mensagem.

— Velho cabeça de nabo — resmungou ele.

— Velho e preguiçoso cara de pulga. Ele não quer é cozinhar. Não tem resposta.

Lina voltou correndo para a Praça Garn e no caminho passou por um grupo de crentes. Estavam de pé numa roda, de mãos dadas, e cantavam uma das suas

canções alegres. Lina tinha a impressão de que, ultimamente, havia mais crentes do que nunca.

Não sabia no que acreditavam, mas o que quer que fosse devia torná-los felizes — estavam sempre sorrindo. A sua cliente seguinte foi a Sra. Polster, a professora da turma do quarto ano. Na aula da Sra.

Polster decoravam excertos de *O Livro da Cidade de Ember* todas as semanas. A Sra. Polster tinha pautas nas paredes para tudo, com o nome de todos os alunos. Quando um aluno fazia algum trabalho cor-retamente, ela punha uma pinta verde ao lado do seu nome. Quando errava, punha uma pinta vermelha. — Aquilo que precisam aprender, meninos

— dizia sempre, na sua voz sonante e clara —, é a diferença entre o que é correto e o que é errado em todas as áreas de suas vidas. Assim que tenham aprendido a diferença. . — neste ponto parava, a-pontava para a turma e a turma terminava a frase:

— ...devem sempre escolher o que é correto.

A Sra. Polster sabia qual era a escolha certa-da para todas as situações.

Agora, aqui estava mais uma vez a Sra. Polster, pairando sobre Lina enunciando claramente a sua mensagem.

— Para Annisette Lafrond, Rua Humm, nú-

mero trinta e nove, o seguinte — disse ela. — A minha confiança em ti diminuiu consideravelmente desde que ouvi falar das atividades vergonhosas em que se envolveu na quinta-feira passada. Repita, por favor. Só depois de três tentativas é que Lina acer-tou. — Uh... oh, uma pinta vermelha para mim

— disse ela. A Sra. Polster não pareceu achar graça.

Lina teve dezenove clientes nessa primeira manhã. Alguns deles tinham mensagens normais:

« Não posso vir na quinta-feira. » « Compre meio quilo de batatas quando voltar para casa. » « Por favor venha consertar a porta da rua. » Outros tinham mensagens que não faziam qualquer sentido, como a da Sra. Polster. Mas não importava. A parte maravilhosa do trabalho de mensageira não era as mensagens, mas os lugares onde tinha de ir. Podia entrar nas casas de pessoas que não conhecia e em becos escondidos e pequenos quartos nos fundos das

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Cidade das Sombras"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).